

## AS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE “SEU MENDES” SOBRE A “PRAÇA DOS LEÕES” EM FORTALEZA-CE.

Karla Torquato dos Anjos.  
Mestranda em História – UECE  
Bolsista FUNCAP  
[karlator4@gmail.com](mailto:karlator4@gmail.com)

*Eu queria que, devido à Praça dos Leões, que há muito tempo que eu frequento nela, eu acho que se eu chegar a morrer, o meu espírito vem todo dia dar uma olhadinha.*

Emanuel Mendes Silva, cambista na Praça dos Leões desde 1972.

Quem ao passar por uma dessas praças antigas e ver aquelas árvores que nelas habitam há longos anos, não cogitou o seguinte: Ah, se essas árvores falassem, quantas histórias poderiam elas contar?! Pois bem, essa é uma potencialidade que não diz respeito somente às árvores – ainda bem, pois dificilmente elas seriam boas informantes para nós historiadores – mas a todos que têm parte de sua vida ligada a um determinado lugar. Entre pessoas como essas, encontramos o “Seu Mendes” como costuma ser chamado por seus clientes e amigos o Sr. Emanuel Mendes cujas experiências iremos compartilhar nesse texto, que tem seu cotidiano bastante vinculado ao da “Praça dos Leões”, pois segundo nos conta: “O papai trabalhava aqui, porque oh, o berço nosso é essa rua aqui, a Praça dos Leões, então, o papai chegou aqui, quando ele começou a trabalhar no jogo do bicho era justamente aqui, precisamente na rua General Bezerril, 402.”<sup>1</sup>

A “Praça dos Leões” cujo nome oficial é Praça General Tibúrcio localiza-se no centro da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, entre as ruas General Bezerril, Sena Madureira, São Paulo e Guilherme Rocha, e forma um importante conjunto arquitetônico com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o Palácio da Luz e a antiga Assembléia Provincial, cujo prédio sedia atualmente o Museu do Ceará, ao lado do qual se encontra a banca de jogo do bicho do Sr. Emanuel Mendes e local onde realizamos as entrevistas com o mesmo. Segundo os dados da Secretária de Cultura do Estado do Ceará para o tombamento da Praça pelo IPHAN<sup>2</sup>, ela era conhecida originalmente como largo do Palácio. A 2 de fevereiro de 1887, a Câmara Municipal de Fortaleza resolveu

---

<sup>1</sup> Entrevista ao Sr. Emanuel Mendes Silva, realizada em 06 de dezembro de 2006, no Museu do Ceará, localizado na Praça dos Leões em Fortaleza.

dar-lhe a denominação de Praça General Tibúrcio em homenagem a Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa em reconhecimento a sua participação nas campanhas político-militares da região platina. E em 8 de abril de 1888 foi inaugurado um monumento ao General Tibúrcio, o primeiro a ser erguido em Fortaleza. Porém ela é conhecida popularmente na cidade como “Praça dos Leões” devido à existência nesse local de algumas estátuas de leões de bronze, trazidas de Paris no começo do século XX.

Desde sua infância, Emanuel Mendes convive não só com a profissão de cambista – herança de família – mas com a Praça dos Leões, local frequentado por ele desde a época em que era encarregado de levar o almoço para o seu pai.

Quando eu já nos meus oito, dez anos de idade, eu estudava ali no centro dos Retalhistas... Aí o papai com a necessidade de um funcionário do lado dele, colocou primeiramente o meu irmão, que é o primogênito e cinco anos mais velho do que eu, meu irmão não teve muito interesse... E eu ficava encarregado de trazer o almoço do meu pai. (...) Aí então o meu pai foi e trouxe o meu irmão pra cá, meu irmão aprendeu fazer um joguinho pra ele, e merendava de instante, instante, meu pai ficou com raiva e despachou ele, num determinado dia ele olhou assim pra mim, eu deveria ter uns 10 ou 12 anos, ele olhou pra mim e disse: -Venha cá a partir de agora você não vai mais entregar almoço não, você vai ficar aqui, vai aprender a fazer jogo do bicho, vai ser meu substituto, e tudo que eu tenho e que eu tive até hoje foi tirado disso aqui.<sup>3</sup>

É então a partir de sua vivência na Praça que o Seu Mendes nos conta suas histórias, pois como disse Walter Benjamin, histórias a contar são experiências a trocar, ou seja, a experiência é a fonte para os narradores: “O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (BENJAMIN, 1980, p.60.). É assim que temos acesso às experiências do Seu Mendes, através de suas narrativas, e percebemos que a maior parte das histórias que compartilhou conosco dizem respeito ao seu local de trabalho. E é sua vinculação à Praça dos Leões que o faz tão rico em histórias do cotidiano vivido por ele nesse local. Benjamin também nos fala desse tipo de narrador, que tem sua vida marcada por um determinado lugar:

Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra. (BENJAMIN, 1980, p.58.)

É este então o nosso narrador, e é através desse elo que ele estabeleceu com a

<sup>2</sup> Fonte: [http://www.cultura.ce.gov.br/patrimonio\\_material/Fortaleza/Praca\\_GT.asp](http://www.cultura.ce.gov.br/patrimonio_material/Fortaleza/Praca_GT.asp)

<sup>3</sup> Entrevista ao Sr. Emanuel Mendes Silva, realizada em 06 de dezembro de 2006, no Museu do Ceará, Praça dos Leões, Fortaleza.

cidade e mais especificamente com o lugar onde trabalha que conhecemos um pouco das suas experiências em Fortaleza. Segundo indica Raquel Sodré (2006, p.01) em seu texto “A comunicação na cidade”, a compreensão do espaço urbano enquanto meio em interação com a sensibilidade e as emoções dos seus habitantes possibilita-nos percebê-lo como um rico campo de comunicação, seja pelos contatos humanos possibilitados pela ocupação coletiva dos espaços públicos ou pela variedade de estímulos visuais e de informação que proliferam nas ruas. Dos desenhos arquitetônicos aos bustos de heróis imortalizados nas praças, quase tudo que vemos no meio urbano nos comunica de alguma forma.

As construções urbanas podem nos fornecer discursos e manipular em nós impulsos cognitivos e afetivos. Quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo. A vivência do espaço construído das cidades pode tanto apontar no sentido de uma percepção racional dos aspectos funcionais, estéticos e da historicidade das construções, como pode envolver faculdades subjetivas, evocar sensações e mobilizar afetos, como representa essa fala de Seu Mendes sobre a Praça dos Leões, quando questionado acerca do seu conhecimento sobre o local em que trabalha:

Essa praça já vem de longas datas, ela deve ter mais de 150 anos. E aqui não era só a atividade de jogo do bicho que tinha não, tinha também as outras atividades, tinha loja de móveis usados, tinha restaurantes como o Fortaleza Bar, aqui ainda possui o Lions Self Service que antigamente era o Bar Brasil; inclusive esse Bar Brasil. Aqui no Museu onde nós estamos agora era a Assembléia Legislativa, ele tinha um hotel, era um complexo em cima, e esse hotel servia de moradia pra aqueles políticos que vinham das cidades do interior pra cá pras reuniões, pra assembléia reunida, e eles ficavam hospedados aqui, e o Bar Brasil tanto servia de ponto de encontro desses políticos como também daquela velha guarda que hoje muitos já faleceram aqui dentro de Fortaleza. Agora, nessa praça aqui a gente já viu de tudo. Praça dos Leões<sup>4</sup>

Acreditamos que os diversos elementos que compõem o espaço construído das cidades: edifícios, monumentos, praças e todo tipo de construção são capazes de, por sua própria visualidade, produzir enunciados e interpelar o cidadão. Percebemos então através da fala de Seu Mendes a movimentação e a diversidade de atividades que fazem parte da historicidade desse lugar no centro da cidade de Fortaleza. Muitas dessas referências ao passado nos informam outros usos e outros frequentadores desse espaço, o que nos leva a considerar que a construção de uma memória sobre a Praça se

---

<sup>4</sup> Entrevista ao Sr. Emanuel Mendes Silva, realizada em 22 de janeiro de 2007, no Museu do Ceará, na

apresenta para além das vivências dele nesse local, mas que dizem respeito a um passado ao qual nosso informante teve acesso por meio de outras narrativas e que se constituem enquanto suas memórias da Praça tanto quanto suas experiências presentes. Nesse sentido é que se apresenta também a análise de Aparecida Nogueira em seu texto “A cidade imaginada ou o imaginário da cidade”, em que propõe um estudo do espaço através da memória:

A cidade de que pretendo falar é um símbolo. É a cidade ambígua, desenhada pelas marcas da memória individual/coletiva. É a cidade do nosso desejo, espelho de nossas paixões, experiências e expectativas. Nesse sentido, está presente em nossa memória sob a forma de marcas profundas. (...) Na memória superpõem-se presente, passado e futuro. Nela flui não mais o tempo linear, (...) mas um tempo a-causal, sincronístico, o Kairos, tempo próprio do mito. (NOGUEIRA, 1998, p.01).

É justamente esse tipo de espaço que analisamos neste artigo, essa Praça evocada por Seu Mendes em suas lembranças. Desse modo, percebemos também nas narrativas do nosso informante a presença de variadas temporalidades unidas pelo desejo de construir uma imagem capaz de dar conta da história desse local. Juntamente com a construção dessa memória sobre a Praça baseada em relatos de outros, encontramos ainda a descrição desse local a partir das experiências cotidianas de Seu Mendes:

A gente tá aqui nessa Praça dos Leões, é hilariante o que a gente vê no nosso cotidiano, é hilariante! Tem cada presepada. Tem aqueles grito [sic] de “Pega!”, mas também tem uns que a gente ouve “Vai!” E aquele negócio todo, aquelas brincadeiras que a gente tem devido sê antigão na área, a gente tem aqueles amigos que passam, vem bater um papo, tem as cafezeiras mais antigas também que essas aí são já de longas datas e fazem parte do cenário da praça dos Leões como da praça José de Alencar, do Passeio Público. Aquelas velhas cafezeiras que passam com duas, três garrafas na mão. E a gente vive a vida do jeito que Deus quer. Quando chove é uma graça! Todo mundo tem que correr pra se proteger das intempéries...<sup>5</sup>

Podemos notar que os critérios para eleição das recordações que poderiam compor uma possível descrição do dia-a-dia da Praça, escolhidos por nosso entrevistado nesse relato, parecem ligados ao aspecto cômico desse cotidiano. Isso nos permite entrever que a ligação afetiva ao lugar, e conseqüentemente as lembranças que se têm dele, se mostram também vinculadas ao divertimento. Por meio dessas palavras podemos ainda ter acesso à Praça através de sentidos como a audição (os sons que cortam o ambiente ocasionalmente) e o olfato (o cheirinho do café servido diariamente

---

Praça dos Leões em Fortaleza.

<sup>5</sup> Idem.

pelas antigas cafezeiras) tão esquecidos quando a nossa preocupação em dar uma idéia correta de um lugar nos leva a confiarmos essa tarefa apenas à visão. Porém a maneira como Seu Mendes nos expõe a Praça dos Leões parece ser uma boa forma de descrevê-la, de acordo com o que nos diz Ítalo Calvino em sua obra “As Cidades Invisíveis”:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (CALVINO, 1990, p.14)

Esses pequenos acontecimentos rotineiros narrados por Seu Mendes como as brincadeiras, o contato com os amigos que passam e vêm conversar, os fatos engraçados como o corre-corre na hora da chuva, constituem os sedimentos dessa afetividade que se estabelece entre o indivíduo e o espaço vivido, e fundam aquilo a que Michel Maffesoli denomina de “socialidade”, pois segundo ele:

O afeto que instala a ligação ao território é uma maneira de viver no presente. Os menores gestos da vida cotidiana; o aperitivo no final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado, todos esses ‘pequenos nada’s’ que materializam a existência e que a inscrevem num lugar são, na verdade, fatores de socialidade, podendo-se mesmo dizer que, através do seu aspecto anódino, produzem sua intensidade. (MAFFESOLI, 1984, p.58)

E são esses pequeninos nada’s que vêm a dar forma ao cotidiano da Praça dos leões, tanto que é a eles que o Seu Mendes se reporta quando é perguntado sobre o seu dia-a-dia nesse local. É possível então percebermos que são os acontecimentos que esse lugar comporta que o torna significativo para seus habitantes. O espaço citadino é rico em signos comunicacionais, estímulos visuais e fluxos humanos e de informação que interpelam constantemente os cidadãos, imprimindo-lhes sensações em diferentes intensidades, capazes de evocar lembranças, criar afetos e de se constituir em componentes subjetivos.

Os equipamentos urbanos materiais e imateriais participam da composição da experiência humana sob os mais variados aspectos. O espaço construído parece conservar, misteriosamente, experiências que ali se passaram, pela interpelação que realiza, pelo abrigo que oferece, pelo tipo de ocupação que provoca, por enfim mobilizar hoje como antes afetos, pela experiência subjetiva que ali se torna possível. Dessa forma, continuemos a conhecer mais um pouco dessa experimentação subjetiva do espaço, a partir da narrativa de Seu Mendes sobre a Praça dos Leões e os indivíduos que a freqüentam:

Aqui o que tinha muito era os engraxates e juntamente com os engraxates tinha aquele pessoal que vendia aquele sanduichezinho, ali pra poder suprir as necessidades do pessoal, o trabalhador informal, né... Então aqui tinham as cafezeiras, tinha o pessoal que passava vendendo todo tipo de coisas, lanche... Agora, com a presença tão próxima do Mercado Central, o antigo Mercado Central, aqui passava todo tipo de gente: turista, turista estrangeiro, pessoal mesmo do interior que vinha pra fazer alguma compra... E aqui eram diversos tipos de atividades. Você encontraria aqui, por exemplo, elementos também fazendo a parte cultural, como violeiros, repentistas... E os que ficavam fixos. Tinham também os que vinha [sic] fazer a participação no horário de onze a uma da tarde, duas horas no máximo, vendendo aquelas quentinhas... E o pessoal que tomava de conta dos estacionamentos dos carro [sic].<sup>6</sup>

Tomando para análise esse relato, podemos avaliar a dinâmica desse local, os feixes de relações que aí se travam diariamente. Compreendemos, então, esse espaço como “lugar praticado”, conforme o define Michel de Certeau em sua obra “A Invenção do Cotidiano”. Segundo ele, “existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram.” (CERTEAU, 1994, p.202). A Praça é então entendida como espaço, na medida em que se mostra marcada pelas passagens e encontros dos que vendem, dos que compram, dos que passeiam, enfim, de todos que fazem uso dela de alguma maneira.

Todavia o espaço não é o mesmo para todos, ou seja, ele não se impõe como um dado natural, objetivo, homogêneo, único e igual para todo mundo, porque como nos adverte Certeau (1994, p.202) é preciso levar em conta as diferentes velocidades e tempos com que os indivíduos se relacionam com o lugar, por isso ele afirma que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. Portanto, para alguns o vínculo espacial com a Praça é bem mais forte, por ser maior o seu contato com ela. A ponto de qualquer intervenção nesse espaço afetar de modo significativo a própria vida dessas pessoas, como podemos analisar a partir desse relato do Seu Mendes sobre a reforma da Praça, empreendida sob a direção do prefeito Juraci Magalhães<sup>7</sup>.

Aqui era muito divertido, a Praça em si, o seu comércio, né, chamado o Beco da Poeira hoje da Lagoinha, né, também já foi aqui antes. (...) Aí o Juraci Magalhães fez aquele complexo o Beco da Poeira, cadastrou todos os comerciantes daqui e levou pra lá. E fechou a praça pra poder fazer esse

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Juraci Magalhães administrou a cidade de Fortaleza entre os anos de 1990 a 1992. Segundo o estudo de Eustógio Dantas, sua administração foi marcada por uma maior preocupação com a constituição do Centro enquanto imagem a ser consumida, nessa perspectiva é que se colocam as reformas nesse espaço com o intuito de inseri-lo na dinâmica das atividades comerciais e principalmente turísticas, tendo em vista tanto a especificidade do centro quanto à sua tradição histórica. (DANTAS, 1995, p. 175).

macadame, calçamento, sei lá, essas pedras ardosa [sic] portuguesa... E no espaço de tempo que a praça ficou fechada eu apaguei completamente, porque os tapumes ficaram tão próximos das lojas que o comércio aqui praticamente quebrou, bares não agüentaram, que num tinha quem viesse, nem o jogo do bicho, que também foi por água a baixo. (...) O comércio aqui era um, aí depois que foi retirado todo aquele comércio informal que tinha aqui, pra ficar só o pessoal passando e olhando pras árvores? É uma diferença enorme! Então eu posso dizer que até a gente se recuperar novamente das perdas durou um ano mais ou menos.<sup>8</sup>

Podemos notar como a reforma da Praça foi algo muito marcante, a ponto de ficar registrado nas lembranças do Seu Mendes como um “divisor de águas” na história da Praça vivenciada por ele. Nesse sentido, se pensarmos como espaço significativo para nós, aquele revestido de uma carga simbólica adquirida por meio da experiência e se levarmos em consideração que é através do nosso corpo que experimentamos o mundo – pois o corpo é aqui visto como elemento primordial a partir do qual o homem percebe a realidade – é possível então avaliarmos como uma intervenção no espaço pode afetar o próprio corpo de seu habitante. Conforme a análise de Olavo Marques em seu texto “Corpo e espaço como categorias para se conhecer uma cidade”, ao tratar do relato de uma senhora moradora de um mesmo bairro há quase sessenta anos, a qual disse, certa vez, que o fato de mais da metade de sua casa ter sido demolida para a construção de uma grande avenida, ter feito com que ela se sentisse como se houvessem passado por cima de seu próprio corpo. A partir desse exemplo, o autor esclarece que:

Os habitantes da cidade, através de suas experiências cotidianas, ligam-se afetivamente a determinados lugares de seu espaço tomado como um todo, possuindo laços de pertencimento a eles. (...) A cidade é sempre conhecida através de determinados ângulos e recortes. Através das experiências vividas o espaço se inscreve no corpo e na memória de quem as viveu. (MARQUES, 2003, p.06)

Nessa perspectiva é que entendemos como a reforma da Praça e o período em que esta ficou fechada afetaram aqueles que tinham suas vidas ligadas àquele local. Se considerarmos que a cidade é marcada pela presença mutável de uma série de eventos dos quais participamos como atores ou como espectadores, e que nos fazem vivenciar um determinado fragmento urbano de uma certa maneira, podemos entender como se estabelece a constituição de memórias afetivas a partir da nossa relação com o espaço. Dessa forma, quando reatrevessamos aquele local, as lembranças relacionadas a ele são reativadas. Nesse sentido, parece interessante observarmos mais detalhadamente como se formam os laços de pertencimento ao lugar habitado, para tanto se mostra relevante

---

<sup>8</sup> Entrevista ao Sr. Emanuel Mendes Silva, realizada em 22 de janeiro de 2007, no Museu do Ceará,

analisarmos o relacionamento do Seu Mendes com os seus “fregueses” de jogo do bicho na Praça dos Leões sobre o que nos revela o seguinte:

Eu jamais ia imaginar de um simples carregador de marmita, pra ficar ocupando o lugar de meu pai, quando uma necessidade de doença, ele se afastar por motivo de outra coisa qualquer. Aí eu fiquei com a compreensão de uns amigos nossos, que eu não chamo fregueses eu chamo de amigos, muitos deles já morreram, inclusive, daquela época, eu só tenho um, ainda permanece vivo, inclusive eu perdi até um no ano passado.<sup>9</sup>

Parece-nos bastante significativo a forma como Seu Mendes se refere aos seus fregueses, pois isto nos sugere indícios de como ele foi criando raízes nesse lugar, por meio dessa afetividade compartilhada ali entre ele, outros vendedores, como as cafezeiras já citadas, os engraxates, e também os seus fregueses, os quais Mendes chama de amigos, o que demonstra a relevância que essas relações têm para sua vida. Isso fica claro também quando ele descreve a freqüência desses contatos com os fregueses:

Geralmente os meus fregueses são assim fiéis. Aqui acolá, se ele tá com pressa, aí então ele pega e não dá par vir até aqui, né, mas eu cito alguns que vem todo o dia, ou não vem porque tem que levar a esposa pro trabalho e que fica muito tarde ou o itinerário é completamente contrário, mas geralmente todos os meus fregueses vêm todos os dias, isso hoje porque antigamente eles não vinham todo o dia eles vinham o dia todo, perdia de manhã e vinham a tarde.<sup>10</sup>

Vemos assim como o seu cotidiano nesse local se apresenta marcado pela convivência com seus fregueses-amigos, a tal ponto que uma das histórias que nos contou sobre seu trabalho na Praça diz respeito ao caso de um sonho que um dos seus fregueses teve e que pediu para ele, como cambista experiente, desvendar, conforme podemos acompanhar a seguir:

Houve uma vez, ele já faleceu, o Senhor Sebastião, ele era funcionário aposentado pelo INPS. Seu Sebastião tinha o olho de vidro, ele chegava, quando ele bebia, no outro dia o olho dele vinha todo torto e a gente dizia: Seu Sebastião seu olho tá todo virado, ele ajeitava dava era uma gastura, aí seu Sebastião chegou pra mim uma vez e disse assim: me disseram que você sabe desvendões, Aí eu disse: rapaz quem disse?. – Não, me disseram e eu vou jogar com você se você desvendar o meu sonho. Aí eu fui e coloquei uma cadeira pra ele se sentar do meu lado, aí eu disse: conte seu sonho. Aí ele contou que tinha sonhado que tava num alto de uma serra montado num burro, o burro com duas canárias [sic] cheio de banana e tinha um cidadão sentado num tronco de uma árvore comendo ata, fruta de conde. Aí eu pensei, pensei, pensei e disse: o que é que o senhor acha que dar ?? -Eu vou jogar no burro e vou jogar macaco, ele me respondeu né. Aí eu: não,

---

localizado na Praça dos Leões em Fortaleza.

<sup>9</sup> Entrevista ao Sr. Emanuel Mendes Silva, realizada em 06 de dezembro de 2006, no Museu do Ceará, na Praça dos Leões em Fortaleza.

<sup>10</sup> Idem.

não, eu acho que o senhor não deveria nem jogar burro e nem macaco. – Porque? – Não, me diga uma coisa, aquele camarada lá que o senhor viu comendo a ata, ele engoliu os caroços, ou comeu e jogava fora. – Não, ele jogava fora. – Ah!, então vai dar carneiro. – Porque? – Porque existe o carneiro montês ou montanês. Então o sonho não é pra você ver o animal, é um simples detalhe que ta ali que você sonhou que tira totalmente o tem. – Eu vou jogar no carneiro, mas vou jogar também no burro e no macaco. – Pois jogue. Aí ele deu carneiro, ganhou, ficou morto de satisfeito, aí no outro dia ele chegou: - Sonhei de novo, e me contou o sonho que não tive tanto interesse, que eu achava que aquilo ali ele ia ficar usando, né. Aí eu já sei, vou mandar ele jogar no burro. Aí ele disse: - Porque burro? Aí eu inventei uma desculpa qualquer, só que tava me lembrando que ele sonhou no burro, só que eu tava desvendando o sonho dele do dia anterior, aí ele jogou e ganhou, aí no outro dia: -Vamos jogar o quê? Macaco, aí ele foi e jogou, não deu macaco, aí ele foi e olhou pra mim: -Você lá sabe de desvendação!<sup>11</sup>

Histórias como essas demonstram como esse seu lugar é capaz de suscitar em nosso narrador lembranças, assim, tão repleta de detalhes. Todas essas histórias que Seu Mendes dividiu conosco parecem passíveis de serem evocadas por conta dessa ligação afetiva que une as pessoas ao espaço, e os guarda na memória. A cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que nosso relacionamento com ela é restabelecido. O que faz com que ela se anime com nossas recordações. E que ela seja também praticada por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados, com uma árvore que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, etc.

Portanto, foram essas ligações afetivas, esses laços de pertencimento, esse modo peculiar a partir do qual a Praça dos Leões se liga ao Seu Mendes e se inscreve em suas memórias que nos serviram de fios condutores para pensarmos que não somos nós apenas que habitamos os espaços, mas que eles também habitam em nós. Como a complexa ligação das árvores ao solo – onde podemos perceber os sedimentos de um no outro – assim é que avaliamos as trocas de experiências entre Seu Mendes, a Praça dos Leões e nós que de alguma maneira nos vemos ligados a eles por alguns desses fios que teceram esse texto.

---

<sup>11</sup> Ibidem.

## BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In.: **Os Pensadores**: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, 1980.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Comércio Ambulante no Centro de Fortaleza-CE (1975 a 1995)**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, departamento de Geografia. São Paulo, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Corpo e espaço como categorias para se conhecer uma cidade**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2003.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **A cidade imaginada ou o imaginário da cidade**. Hist. cienc. saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998.

SODRE, Rachel. **A comunicação na cidade**: polifonia e produção de subjetividade no espaço urbano. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Estado e Comunicação, Brasília: UNB, 2006.